

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

ANÁLISE DO INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO NA ECONOMIA
BRASILEIRA: um estudo de caso sobre o setor bancário

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária na disciplina CNM5420- Monografia

Por: Elaine Cristina Cavalheiro

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Antônio Ferraz Cario

Área de Pesquisa: Economia Financeira

Palavras Chaves: 1 - Investimento Direto Externo

2 – Globalização

3- Sistema Financeiro Nacional

4- Plano Real

5- Privatizações

6- Fusões e Aquisições

Florianópolis, Março de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota _____ à aluna Elaine Cristina Cavalheiro na Disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Sílvio Antônio Ferraz Cário
Presidente

Prof. Newton Carneiro Affonso da Costa Jr.
Membro

Prof. Brena Paula Magno Fernandez
Membro

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Paulo e Marli, pelo apoio e paciência em alguns momentos de dificuldades. À minha irmã Caroline, com quem desabafei e chorei nas últimas semanas, ao irmão Carlos e minha cunhada Pâmela, que juntos me trouxeram a sabedoria maior, Sofia, minha sobrinha.

À Emilio, meu namorado, por entender que monografia é como uma TPM que dura um semestre, pelas palavras de incentivo na hora que mais precisei, por estar sempre ao meu lado em mais essa conquista da minha vida.

À todos os meus colegas de sala de aula especialmente, Claudinha e Marlos meus companheiros de luta até o final, às vezes com conselhos outras com puxões de orelha mas de qualquer forma sempre estavam ali desde 2001 até os dias atuais, é com muito carinho que me formo junto de dois amigos, e que essa amizade se fortaleça sempre mais.

Há aqueles que ao longo do curso foram construindo uma bela amizade, mesmo que não tenhamos entrado juntos, a esses amigos agradeço por todo apoio pelas horas de estudo, pelas noites perdidas, pela batalha de passar na matéria do Renato, pelas discussões e por fim pelo fortalecimento de uma grande amizade, Francielen, Karina, Fé Maria, Andréia e Ana Cecília.

À amiga Maria Carolina que de uma forma muito tolerante, compreensiva esteve ao meu lado me dando muito apoio.

Finalmente gostaria de agradecer ao Professor Sílvio, pela oportunidade de poder agregar mais conhecimento e principalmente pela paciência e determinação e a contribuição desde o início do trabalho.

“Mesmo que as pessoas mudem e suas vidas se reorganizem, os amigos devem ser amigos para sempre, mesmo que não tenham nada em comum, somente compartilhar as mesmas recordações”.

(Vinícius de Moraes)

SUMÁRIO

LISTAS DE QUADROS.....	7
LISTA DE TABELAS.....	ERRO!
INDICADOR NÃO DEFINIDO.....	8
LISTA DE GRÁFICOS.....	10
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	11
CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	16
1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO	21
1.2.1 OBJETIVO GERAL	21
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
1.3 METODOLOGIA.....	21
CAPÍTULO II – A GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA: SIGNIFICADO E CARACTERÍSTICAS	23
2.1 DINÂMICA DO PROCESSO GLOBALIZAÇÃO: PRINCIPAIS DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS.....	23
2.2 – IMPACTO DA GLOBALIZAÇÃO NAS ÁREAS FINANCEIRA, COMERCIAL E PRODUTIVA	27
2.2.1 – GLOBALIZAÇÃO FINANCEIRA	28
2.2.2 GLOBALIZAÇÃO COMERCIAL	29
2.2.3 GLOBALIZAÇÃO PRODUTIVA.....	29
2.3 SÍNTESE CONCLUSIVA	33
CAPÍTULO III – INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO – IDE: DEFINIÇÕES, FORMAS E CARACTERÍSTICAS	35
3.1 DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS	35
3.2 DETERMINANTES E ESTRATÉGIAS DO IDE	39
3.2.1 TEORIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO.....	39
3.2.2 IMPACTOS DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS.....	42
3.2.3 AS FORMAS DE IDE E AS FUSÕES E AQUISIÇÕES	45
3.3 O PARADIGMA ECLÉTICO.....	46
CAPÍTULO IV – CARACTERIZAÇÃO DOS INVESTIMENTOS DIRETOS EXTERNOS NO MUNDO.....	52
<i>4.1 EVOLUÇÃO, COMPOSIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DO INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO: CARACTERIZAÇÃO GERAL.</i>	<i>52</i>
<i>4.2 Um PANORAMA GERAL DAS PRINCIPAIS REGIÕES RECEPTORAS E DE SAÍDA DE IDE ..</i>	<i>56</i>
<i>4.3 AS FUSÕES E AQUISIÇÕES E O INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO.....</i>	<i>61</i>
<i>4.4 – EVOLUÇÃO, COMPOSIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS INVESTIMENTOS DIRETO EXTERNO: CARACTERIZAÇÃO REGIONAL.</i>	<i>64</i>
<i>4.4.1 – TENDÊNCIA DOS PAÍSES DESENVOLVIDOS – TRÍADE.....</i>	<i>64</i>
<i>4.4.1.1 – INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO DA UNIÃO EUROPÉIA.....</i>	<i>65</i>
<i>4.4.1.2 – INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO ESTADOS UNIDOS.....</i>	<i>66</i>
<i>4.4.1.3 – INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO, JAPÃO.</i>	<i>67</i>
<i>4.5 SÍNTESE CONCLUSIVA</i>	<i>69</i>

CAPÍTULO V – COMPORTAMENTO DO INVESTIMENTO DIRETO NO BRASIL	70
5.1 BREVE HISTÓRICO DO INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO (IDE) NA ECONOMIA BRASILEIRA	70
5.2 A POLÍTICA ECONÔMICA BRASILEIRA NOS ANOS 90: CONDIÇÕES DE ATRAÇÃO DO IDE	73
5.2.1 – A ABERTURA ECONÔMICA	73
5.2.3 O PLANO REAL.....	75
5.2.4 – AS PRIVATIZAÇÕES	76
5.3 – COMPORTAMENTO DO INVESTIMENTO DIRETO NO BRASIL	77
5.4 SÍNTESE CONCLUSIVA	87
CAPÍTULO 6 – CONDICIONANTES DA REESTRUTURAÇÃO E MUDANÇAS SUBSEQUENTES DO SETOR.....	89
6.1 – <i>A DESREGULAMENTAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL</i>	89
6.2 – <i>O PLANO REAL E O SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL.</i>	93
6.3 – <i>A ESTABILIZAÇÃO MONETÁRIA E A CRISE SISTEMÁTICA.....</i>	94
6.4 <i>INDICADORES DE CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA.....</i>	99
6.4.1 – <i>INDICADORES DE CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA POR ATIVO TOTAL</i>	99
6.4.2 – <i>INDICADORES DE CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA POR DEPÓSITO TOTAL</i>	102
6.4.4 <i>INDICADOR DE CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA POR PATRIMÔNIO LÍQUIDO.</i>	107
6.4.5 <i>INDICADORES POR NÚMERO DE AGÊNCIA.....</i>	109
6.6 <i>SÍNTESE CONCLUSIVA</i>	114
CAPÍTULO VII CONCLUSÃO.....	111

Listas de Quadros

Quadro 2.1

Exemplos de vantagens dos sub-paradigmas do modelo eclético.

Quadro 2.2

Estratégia de IDE e Principais Determinantes

Quadro 6.1

Principais Mudanças na Regulamentação do Sistema Financeiro Brasileiro
1964- 1995

Quadro 6.2

Principais F&A no Setor Bancário Brasileiro – 1995-2006.

Quadro 6.3

Principais Determinantes das Estratégias para a Realização do IDE no setor
Bancário Brasileiro

LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1

Fluxo Recebido e Emitido de Investimento Direto Externo no Mundo,
1995 – 2006

Tabela 4.2

Fusões e Aquisições acima de 1 Bilhão de Dólares em nível mundial de
1994- 2006

Tabela 5.1

Estoque e Fluxos de Investimentos Direto Externo Recebidos do Brasil
1995-2006

Tabela 5.2

Participação do Investidos Externos nas Privatizações do Brasil, 1991-2002

Tabela 5.3

Principais Emissores de Investimento Direto Externo para o Brasil,
1995-2006

Tabela 5.5

Distribuição do Investimento Direto Externo no Brasil, 1995 e 2000.

Tabela 5.6

Distribuição do Investimento Direto Externo no Brasil por Atividade
Econômica, 1995, 2000-2006

Tabela 6.1

Evolução do Número de Bancos no Brasil, 1996-2006

Tabela 6.2

Número de Bancos pela estrutura Patrimonial no Brasil, 1995 -2006

Tabela 6.3

Os 10 Bancos que mais Crescem por Ativos Totais no Brasil Dez de 2004- 2006.

Tabela 6.4

A Participação das Instituições nos Ativos Totais da área Bancária no Brasil. 1996 2006

Tabela 6.5

Os Maiores Bancos por Depósito Total no Brasil 2004 – 2006

Tabela 6.6

A Participação das Instituições do Segmento Bancário nos Depósitos no Brasil. 1996- 2006

Tabela 6.7

A Participação das Instituições do Segmento Bancário nas Operações de Crédito no Brasil. 1996- 2006.

Tabela 6.8

Os Maiores Bancos por Operações de Crédito total no Brasil 2004 – 2006

Tabela 6.9

A participação das instituições do segmento bancário no patrimônio líquido deste segmento 1996 – 2006

Tabela 6.10

Destaque da Participação do segmento bancário no Brasil, 2004 – 2006

Tabela 6.11 – Ranking por número de Agências dos Bancos do Brasileiros 2007

Gráficos

Gráfico 4.1

Fluxo de entrada de IDE no mundo, 1995-2006

Gráfico 4.2

Evolução do IDE no mundo, 1980-2006

Gráfico 4.3

Fluxo de IDE – Países Desenvolvidos

4.4 Gráfico

Distribuição Setorial do Investimento Direto Externo Mundial Realizado
1987 – 2005

Gráfico 4.5

Fluxo de Investimento Direto Externo e Fusões & Aquisições Mundiais
1995- 2006

Gráfico 4.6

Evolução as atividades de F&A no Mundo e em Grupos Econômicos
1194 -2006

5.1 Gráfico

Evolução das Fusões e Aquisições no Brasil 1995-2006

Gráfico 5.2

Distribuição Setorial do Investimento Direto Externo no Brasil,
1995, 2000

Listas de Siglas Utilizadas

BB - Banco do Brasil
BACEN - Banco Central do Brasil
BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social
ETN's – Empresas Transnacional
F&A – Fusão e Aquisição
FEBRABAN – Federação Brasileira de Associações dos Bancos Nacionais
FMI – Fundo Monetário Internacional
IDE – Investimento Direto Externo
IF' - Instituição Financeira
PIB – Produto Interno Bruto
PROER – Programa de Estimulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro
PROES – Programa de Incentivo à Redução Setor Público Estadual na Atividade Bancária
PAB's – Posto de Atendimento Bancário
P&D – Pesquisa e Desenvolvimento
SFN – Sistema Financeiro Nacional
UNCTAD – Conferencia as Nações Unidas sobre o Comercio e o desenvolvimento
URV- Unidade Real de Valor
WIR – World Investment Report

CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

1.1 INTRODUÇÃO

A globalização atinge a todos os campos da sociedade, tanto em nível cultural, social quanto econômico. Para este trabalho, é de fundamental importância explorar a globalização econômica, fenômeno que a cada dia vem crescendo mais. Países que antes não sofriam influência da globalização hoje sofrem. Pode-se dizer que o mundo se tornou um único mercado, que a concorrência passou de nível local a mundial. Tais fenômenos são resultados do intenso processo de globalização pelo qual o mundo vem passando.

Este processo foi facilitado, pelo que se pode chamar de terceira revolução industrial, em função do avanço da microeletrônica e da difusão do progresso tecnológico, ficando muito mais fácil a realização do comércio mundial. A referida difusão fez com que as grandes empresas passassem a pensar em nível de mercado mundial, tentando atingir a maior parcela possível de consumidores com o menor custo imaginável.

Para isso, de acordo com Souza (2005), torna-se necessária a rapidez na troca de informações, a eficiente mobilização do capital e, principalmente, a ágil divisão do trabalho. Grandes empresas já não possuem mais um país sede, sua produção se divide entre várias sedes. A globalização traz consigo o avanço do processo produtivo, o aumento do processo concorrencial, a busca frenética pelos menores custos, a rápida mobilidade do capital e também a minimização do poder do trabalhador.

A globalização, segundo Souza (2005), é mais compreendida como um fluxo monetário financeiro internacional e de mercadorias. Isso explica a interdependência dos países e pessoas, além de uma uniformização que vem ocorrendo em todo o mundo, porém os capitais financeiros fluem com velocidade entre países mercados à procura de alternativas para aplicações, especulação e investimento, uma vez que esses movimentos tornam as economias nacionais altamente vulneráveis aos investimentos. O fácil deslocamento dos investimentos cria uma concorrência jamais vista, países disputam a atração do capital, a economia visa à atratividade internacional.

A globalização também é uma forma de internacionalização da produção, a busca pela redução dos custos da produção, o que leva muitas empresas a produzirem suas mercadorias em várias nacionalidades diferentes, onde a mão-de-obra, energia e matéria prima são mais baratas. Nota-se, no processo de globalização, uma característica marcante, expressa pelos desequilíbrios comerciais que são resultados da intensa e desigual mudança tecnológica, assim como as diferenças das estruturas industriais e empresariais entre os países desenvolvidos, o que caracteriza um cenário complexo e interdependente, cada vez mais integrado no campo das transações cambiais e financeiras.

Alteração na divisão internacional do trabalho, ou, antes, criação de uma nova divisão de trabalho dentro das próprias empresas transnacionais, em que a distribuição das funções produtivas não se encontra mais concentrada num único país, mas espalhadas por vários países e continentes (por exemplo, um país fabrica um componente do produto, um segundo fabrica outro, um terceiro faz a montagem, enquanto o centro financeiro e contábil da empresa está sediado num quarto país).

O processo de globalização apresenta um caráter ambíguo, ao mesmo tempo em que ele reduz os custos de produção, fazendo com que somente as empresas com poder de concorrerem nível global permaneçam no mercado, cria uma atmosfera de instabilidade. A fácil mobilidade do capital, com a busca dos maiores lucros, faz com que os investidores não criem raízes e estejam sempre preparados para se mudar. A instabilidade gerada diminui os salários dos trabalhadores, na busca das empresas por se tornarem competitivas perante os demais países. Uma nação passa a trabalhar conforme o interesse dos grandes investidores, deixando em segundo plano o interesse da população residente.

Como um dos produtos da globalização, o Investimento Direto Externo ou IDE moveu-se segundo novos determinantes. Os fatores que determinam esses investimentos externos diretos, de acordo com a teoria da internacionalização da produção, não têm como variável-chave o diferencial na taxa de retorno, mas sim as diferenças existentes na estrutura empresarial e pela interação de outros fatores particulares à estrutura econômica dos países receptores, tais como: dotação de fatores, tamanho do mercado, potencial de crescimento do mercado, custos de transporte, barreiras comerciais, infraestrutura, economias de escala e leis regulatórias, dentre outros.

O IDE se caracteriza pelo valor da parcela do capital das empresas funcionando dentro do país cujos donos são residentes ou domiciliados no exterior. O investimento

externo pode se dar de forma individual ou através de empresas, sejam elas privadas ou públicas, que têm interesse em investir fora de seu país de origem, quer seja por meio de subsidiárias, associações com o capital local ou de filiais (AMAL 2000).

Considera-se ainda como IDE não apenas a transação inicial entre investidor e empresa receptora, mas também as transações subjacentes, como os empréstimos intra-grupos. As entradas de IDEs podem dar-se através de entradas líquidas de capital pelo investidor direto sob forma de compra de ações ou quotas, aumentos de capital ou criação de empresas, empréstimos líquidos, incluindo empréstimos de curto prazo ou adiantamentos pela matriz a sua filial, e lucros não distribuídos.

O investimento externo vem sendo tratado como uma forma de internacionalização do processo de produção, que ocorre sempre que residentes de um determinado país têm acesso a bens e serviços de outros, e pode ainda ocorrer de outras formas básicas, como comércio internacional, relação contratual.

Com o desenvolvimento econômico, o fluxo de IDE vem crescendo a cada ano, deixou de ser algo secundário para se tornar uma peça fundamental no desenvolvimento de muitos países. Seu papel no crescimento de muitas nações foi importantíssimo, bem se sabe que, com a abertura comercial e a liberalização econômica, teve-se um crescente aumento na mobilidade do capital. O IDE é importante não só para o país que recebe, mas também para as grandes empresas, a possibilidade de transferir seu capital para os mais variados mercados do mundo permite abocanhar uma maior fatia de consumidores. Em uma situação de constantes alterações econômicas, na qual o capital se torna peça essencial de um ciclo econômico, a possibilidade de investir nos mais variados países proporciona uma segurança maior às grandes empresas.

No Brasil, o movimento de IDE mais intenso ocorreu a partir dos anos 90, com a abertura da economia nacional, desregulamentação econômica e os processos de privatizações, tornando assim o país mais atrativo ao capital estrangeiro. Esse processo de atração do capital externo foi importante para o desenvolvimento industrial do país. Mas não foi apenas nos setores industriais que se teve entrada de IDE, nos demais setores também, dentre os quais o setor de serviços. Com a vinda da capacitação externa, o governo modernizou a economia e reduziu as altas taxas de inflação, consolidando uma política de abertura econômica. É nesta nova fase que se percebe como se tem um significativo aumento do fluxo de capital produtivo no país.

Aproveitando esse cenário de globalização, com grande fluxo de capital, a fim de estimular a concorrência e modernizar a economia, o Brasil adotou uma política de

abertura econômica e implantou uma política de estabilização baseada em reformas monetária e cambial, promovendo condições para atrair capitais externos nas formas financeira e produtiva. O Plano Real, implantado em julho de 1994, acaba com o processo inflacionário do país e fornece solvência para a entrada das empresas transnacionais, grandes responsáveis pelos fluxos de Investimento Direto Externo (SOUZA, 2005).

De acordo com o Banco Central do Brasil, o IDE deu um salto de pouco mais de US\$ 9 bilhões, em 1996, para US\$ 33 bilhões em 2000, sendo que no auge das privatizações, anos de 1998 e 1999, estas representaram US\$ 26 bilhões e US\$ 31 bilhões, respectivamente.

Conforme dados do Banco Central, pode-se perceber também um ciclo, até o ano de 2000, a entrada de IDE só aumentou, a partir desse ano começou a cair, voltando a crescer em 2004. É interessante observar que o fluxo de capital não diminui apenas no Brasil, nesse período, mas no mundo em geral o volume também diminui. Segundo nota-se em 2000, tinha-se um fluxo de IDE no montante de US\$ 1.4 bilhões, passando para US\$ 832 bilhões em 2001, metade do valor apresentado no ano anterior. Em 2003, atinge-se o valor de US\$ 558 bilhões. Com isto, verifica-se que, na verdade, a queda no fluxo destinado ao Brasil é devido a uma sistemática que ocorria no mundo todo. Diminuiu-se o volume de IDE mundial, logo, a parcela destinada ao Brasil também caiu drasticamente.

O setor bancário tem sido um segmento atrativo para os investidores estrangeiros. Os bancos representam parte fundamental dentro de um sistema econômico, sejam eles como prestadores de serviços, ou como intermediários financeiros (ou agentes econômicos) entre poupadores e investidores. É fato que o setor bancário brasileiro, desde o início da década passada, vem passando por profundas transformações, o que passou a se intensificar a partir da implementação do Plano Real. A principal características deste processo tem sido a maior participação de capitais internacionais na economia, sobretudo no que tange ao setor bancário, ocupando o espaço econômico, político e social anteriormente dominado pelas empresas nacionais públicas e privado, (DE PAULA 2002).

No Brasil, a expectativa com as privatizações, que foi sustentada a partir do Plano Real, aumentou o interesses de instituições financeiras, no que diz respeito à área comercial e investimentos, para atuar no país via associações com bancos nacionais ou até mesmo de instalação de agências, atraindo diversas instituições estrangeiras, pois